

# Paquistão e Afeganistão: Mestre e Aluno?

Jirjis al-Jafawi\*

*Há anos que o Governo de Cabul está ligado ao de Islamabad. Mas os ataques de 11 de Setembro contra os EUA trouxeram uma novidade: o Paquistão é capaz de virar as costas ao país vizinho para se tornar num importante aliado do Ocidente.*

No contexto de toda a agitação actual em torno do terrorismo internacional e do grupo al-Qaeda de Osama bin Laden, é impossível ignorar dois outros protagonistas inquestionáveis desta crise.

O facto de o Afeganistão se ter tornado no alvo das bombas norte-americanas não é surpreendente, tendo em conta a insistência da Administração Bush de que o regime taliban está aliado a Osama bin Laden e, por isso, tem parte da responsabilidade no que sucedeu em Nova Iorque e Washington a 11 de Setembro de 2001 – nomeadamente, porque o seu misterioso líder, mullah Omar, se recusou a entregá-lo para ser julgado. É, pelo contrário, surpreende o facto de o Paquistão, o progenitor e protector ostensivo do regime taliban, se ter tornado num aliado essencial do Ocidente.

## O papel do Paquistão

Não há dúvida de que o Presidente do Paquistão, general Pervez Musharraf, que assumiu o controlo do país há dois anos, revelou consi-

derável habilidade na forma como desempenhou o seu papel nesta crise. Não só se apressou a condenar os ataques de 11 de Setembro, como, desde logo, concedeu aos EUA o direito de sobrevoar o espaço aéreo paquistanês. Depois, permitiu aos norte-americanos a utilização da

*A sociedade pashtun é caracterizada por um igualitarismo masculino, por uma violência endémica e institucionalizada que funciona como um mecanismo de fragmentação do poder.*

base aérea de Jacobad, alegadamente apenas para operações de “busca e salvamento”, mas na realidade para usos bem mais sérios.

Há também quem acredite que, discretamente, o Paquistão terá partilhado informações com os EUA, pois o serviço de espionagem militar paquistanês (ISI – Inter-Services Intelligence) tem um conhecimento íntimo dos acontecimentos no Afeganistão de há muitos anos a esta parte.

O homem-forte do Paquistão tirou claros benefícios do seu pronto apoio aos EUA, apesar de o seu país ainda não ter cortado os laços diplomáticos com o regime taliban afegão – actualmente é mesmo o único Estado a manter relações com o gover-

no de Cabul, e o embaixador taliban em Islamabad tornou-se uma fonte essencial de informações para os meios de comunicação social internacionais sequiosos de notícias. Os EUA suprimiram muitas das sanções que haviam sido decretadas por iniciativa da Administração Clinton

devido à aquisição pelo Paquistão de armas nucleares e à realização de testes com as mesmas. Foi também prometido auxílio económico, de que o Paquistão com a sua débil economia (para não falar das frágeis instituições políticas) tem enorme necessidade.

Há também a promessa do empenho norte-americano a nível diplomático – mas não no sentido de um apoio à posição paquistanesa – numa solução para o problema de Caxemira, que, quer o Paquistão, quer a Índia, consideram ser um elemento quase sagrado da sua identidade nacional. A Índia, apesar de ter procurado mostrar-se imperturbável em público face a esta súbita viragem na política norte-americana para a região, mostrou-se furiosa em privado com a perda do exclusivo da atenção norte-americana.

Na verdade, o retomar de duelos de artilharia, em meados de Outubro, ao longo de “linha de controlo”

\* Investigador, Universidade de Cambridge

que divide as zonas de Caxemira controladas por cada um dos Estados, é provavelmente apenas a primeira etapa num ciclo de crescente tensão, principalmente tendo em conta o papel do general Musharraf na “guerra de Cargil” no ano passado.

Mas a verdade é que o governo paquistanês teve de pagar um preço pela sua nova oposição aos taliban. Desde que a crise começou tem-se tornado evidente que muitos paquistaneses não concordam com a análise que o seu governo faz da situação. Em primeiro lugar, não acreditam que a al-Qaeda tenha estado envolvida nos ataques terroristas contra os EUA e, em segundo lugar, consideram que, se esteve efectivamente envolvida, tinha razões para o fazer e apoiam-nas. A consequência disto são manifestações continuadas e um número crescente de mortes na sua repressão por parte da polícia paquistanesa – que não é propriamente conhecida pela sua contensão. O que não é insignificante se se tiver em conta que o Paquistão tem tido um passado político recente muito conturbado, e que ambos os governos anteriores – liderados, respectivamente, por Benazir Bhutto e Nawaz Sharif – pouco fizeram para contrariar as crescentes divisões sociais e religiosas.

Um dos factores perturbadores mais importantes da vida paquistanesa tem que ver com as consequências da situação de guerra quase contínua, durante os últimos vinte anos, no seu vizinho ocidental, o Afeganistão. Mais importante ainda, devido a pressões internacionais desenhadas, o Paquistão tem estado intimamente envolvido nestes acontecimentos.

Foi em colaboração com o governo paquistanês da época (e do omnipresente ISI) que a Arábia Saudita e a CIA norte-americana organizaram o apoio aos mujahidin afegãos em 1980. Foi na província paquistanesa da Fronteira do Noroeste que se situaram as bases de retaguarda para o movimento de resistência à invasão soviética do Afeganistão, e foi aí que foram acolhidos milhões de refugiados afegãos – ainda lá estão 2,5 milhões e mais são esperados na sequência dos últimos acontecimentos. Foi também o Paquistão, seguindo uma orientação norte-americana, que, em 1991 e 1992, recambiou para os respectivos países os “árabes afegãos” – mais de 10.000 voluntários de todo o mundo islâmico – que tinham sido recrutados para a luta anti-soviética.

## O governo taliban no Afeganistão

O envolvimento do Paquistão nas questões do país vizinho não terminou com esse episódio. Foi a partir das madrassas (escolas islâmicas) da corrente Deobandi, em torno de Quetta e Peshawar, que os taliban surgiram – com o apoio do ISI – como uma reacção ao caos que resultou do confronto entre as diversas facções

de mujahidin na sequência da retirada soviética. O fenómeno dos taliban é o produto de dois aspectos acentuados pela guerra no Afeganistão: a marcada identidade étnica da sociedade pashtun e a sua intensa religiosidade tradicional.

Os pashtun são uma confederação tribal que habita ao longo da fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão, e que tradicionalmente tem dominado o governo em Cabul, como dominou também o movimento mujahidin entre 1980 e 1996. Eles forçaram, por exemplo, o governo paquistanês a estabelecer uma administração especial para as áreas da província da Fronteira do Noroeste por eles controladas.

A sociedade pashtun é caracterizada por um igualitarismo masculino, por uma violência endémica e institucionalizada que funciona como um mecanismo de fragmentação do poder e, simultânea e paradoxalmente, por um sistema de clientelismo e um conjunto de regras de conduta tipificadas na tradição da hospitalidade e nas obrigações sociais designadas de pashtunwali. Esta é, aliás, uma das razões porque é difícil aos taliban abandonar Osama bin Laden e o seu grupo de 5.000 sequestrados árabes ao que eles consideram ser a vingança ocidental.



*Combatentes taliban, nas suas características carrinhas Nissan (pagas com as taxas cobradas sobre o contrabando que atravessa o Afeganistão em direcção a todos os países envolventes), desfilam nas comemorações do dia da independência, em Cabul, a 19 de Agosto passado. Os taliban consideram-se herdeiros da tradição guerreira que rechaçou todos os invasores exteriores do país.*

Ao mesmo tempo, esta sociedade complexa é unificada por uma intensa adesão ao Islão. Foi este facto, assim como a capacidade de organização para a luta desta sociedade tribal, que deu aos pashtun a capacidade de resistir com sucesso à agressão do exército soviético, e, antes disso, do exército britânico da Índia. O facto de este grupo étnico estar presente nos dois lados da fronteira foi também uma das razões, a par de factores geopolíticos óbvios, do desenvolvimento de uma relação particularmente próxima entre o Paquistão e o Afeganistão.

Para além disso, recorde-se, o Paquistão foi criado como um Estado declaradamente muçulmano, na sequência do colapso do domínio do império britânico sobre o subcontinente indiano. A sua base ideológica nacional é assumidamente islâmica e os movimentos políticos islamistas têm participado com frequência no governo, sobretudo, na sequência de golpes militares, como sucedeu na década de 80, sob o regime do general Zia ul-Haq e, novamente, nos últimos dois anos.

## As implicações para o Paquistão

É evidente que a situação no interior do Afeganistão provoca ondas de choque no interior do próprio Paquistão, o que é acentuado pelas insuficiências do governo paquistanês. O modelo austero e repressivo seguido pelos taliban encontrou eco no interior das Forças Armadas paquistanesas e não há dúvidas de que exerceu a sua influência sobre as populações da província da Fronteira



**O general Musharraf aproveitou a crise actual para lidar com determinadas fragilidades internas. No início de Outubro, afastou uma série de importantes generais que eram apoiantes convictos dos taliban.**

do Noroeste – por isso, as manifestações se têm concentrado lá. Nas regiões do centro e sul do Paquistão a situação tem-se mantido muito mais calma, em Carachi, por exemplo, a segunda maior cidade do país e o seu coração comercial, o movimento político dominante, o MQM Mohajir, tem apoiado abertamente o governo.

*Os problemas do Paquistão estão longe de se poderem dar por terminados com esta opção pró-ocidental. A questão de Caxemira e a tortuosa relação com a Índia mantêm-se, apesar da nova amizade com Washington. E a situação interna permanecerá explosiva, particularmente se os EUA agirem de forma impensada no Afeganistão*

O general Musharraf está a par desta realidade, pelo que aproveitou a crise actual para lidar com determinadas fragilidades internas. No início de Outubro, afastou uma série de importantes generais. Eram apoiantes convictos dos taliban, tinham estado à frente do ISI e tinham dado um contributo essencial para a sua subida ao poder. Assim, passou à reserva o general Mahmoud Ahmad, que tinha manifestado a sua oposi-

ção à nova política pró-americana, tal como o Vice-CEMGFA, general Muzaffer Usmani, e o chefe da ISI, general Muhammad Aziz Khan. Isto permitiu ao líder paquistanês, simultaneamente, eliminar a oposição interna à sua nova estratégia e lidar com o peso taliban no seio do poder paquistanês.

No entanto, os problemas do Paquistão estão longe de se poderem dar por terminados com esta aparente opção pró-ocidental. A questão de Caxemira e a tortuosa relação com a Índia mantêm-se, apesar da nova amizade com Washington. A situação interna permanecerá explosiva, particularmente se os EUA agirem de forma impensada no Afeganistão, pois a estrutura política paquistanesa é extremamente frágil.

A al-Qaeda ainda mantém uma presença poderosa no interior da estrutura administrativa e militar taliban no Afeganistão, e tem milhões de simpatizantes no interior do Paquistão. Porém, o general Musharraf agiu de forma determinada no senti-

do de arrumar a casa pela qual é actualmente responsável. Se os EUA se mostrem dispostos a escutá-lo, poderá ainda – e mais uma vez – determinar o resultado da luta pelo poder no interior do Afeganistão num sentido favorável ao Paquistão. Algo que poderá revelar-se vantajoso para todos, pois, se se sentir excluído deste processo, o Paquistão tem a capacidade de garantir que mais ninguém sairá dele vitorioso. ■